

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

CATIANNE DE JESUS OLIVEIRA

A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NAS SÉRIES INICIAIS

**Aracaju – SE
2021**

CATIANNE DE JESUS OLIVEIRA

A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NAS SÉRIES INICIAIS

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Profª Drª Áurea Machado de Aragão

Aracaju – SE
2021

A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NAS SÉRIES INICIAIS

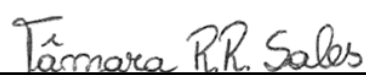
Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.



Coordenador do Curso: Prof. Me. Williams dos Santos



Orientadora: Profª Drª Áurea Machado de Aragão



Avaliadora: Profa. Drª Tâmara Regina Reis Sales



Avaliadora: Profa. Ma. Alda Valéria Santos de Melo

Avaliação Final: 9,0

Aprovada em: Aracaju 03/12/2021

de Jesus Oliveira, Catianne

A aprendizagem da criança com TEA nas séries iniciais

Número de páginas (22p); 30 cm

TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Faculdade Amadeus, 2º Sem. 2021.

Orientador(a): Prof^(a). Dr^a Áurea Machado de Aragão

Referencial Bibliográfico: p.20.

Palavras-chave: Aprendizagem. Formação. Inclusão.TEA..

A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NAS SÉRIES INICIAIS

Catianne de Jesus Oliveira¹

RESUMO

O TEA é um transtorno que causa problema no desenvolvimento da comunicação na linguagem, na interação e no comportamento social do autista que demanda apoio individualizado na escola. O objetivo geral deste trabalho foi analisar como se dá o processo de aprendizagem da criança com TEA no ambiente escolar e como objetivos específicos verificar como é realizada a interação dos autistas com outras crianças no ambiente escolar; identificar as limitações de aprendizagem que os portadores de TEA apresentam; demonstrar a importância da formação do professor na aprendizagem da criança com TEA no ambiente escolar. A metodologia utilizada foi estudo de caso, de abordagem qualitativa, pesquisa exploratória e descritiva com levantamento bibliográfico, os procedimentos para a coleta de dados foram questionário, entrevista e observação. A partir dos resultados obtidos, concluiu-se que existem estratégias para aprendizagem dos alunos com Transtorno do Espectro Autista e que são possíveis práticas pedagógicas efetivas, mas o professor precisa de formação e apoio da escola para que possa dar suporte ao aluno com TEA.

Palavras-chave: Aprendizagem. Formação. Inclusão. TEA.

ABSTRACT

ASD is a disorder that causes problems in the development of language communication, interaction and social behavior of the autistic, which demands individualized support at school. The general objective of this work was to analyze how the learning process of children with ASD takes place in the school environment and as specific objectives to verify how the interaction of autistic children with other children in the school environment is carried out; identify the learning limitations that ASD patients have; demonstrate the importance of teacher training in the learning of children with ASD in the school environment. The methodology used was a case study, with a qualitative approach, exploratory and descriptive research with a bibliographic survey, the procedures for data collection were a questionnaire, an interview and observation. From the results obtained, it was concluded that there are learning strategies for teaching students with Autism Spectrum Disorder and that effective pedagogical practices are possible, but the teacher needs training and support from the school so that he can support the student with TEA.

Keywords: Learning. Formation. Inclusion. TEA

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Amadeus – FAMA.
E-mail: preencher

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, muito se fala sobre os transtornos do espectro autista (TEA) nas escolas, espaços televisivos, livros e até mesmo em histórias da literatura infantil. Juntamente com essa demanda de informações também é possível observar os estereótipos que a sociedade cria em cima do indivíduo com esse transtorno do neurodesenvolvimento.

Educar uma criança diagnosticada com autismo tem sido um grande desafio para todos os profissionais da educação, a falta de conhecimento sobre o transtorno faz com que surjam muitas dúvidas sobre qual a melhor forma de promover a educação para essas crianças e como poderão ser feitas as devidas intervenções no seu processo educativo.

Diante de todos os desafios é necessária a busca de conhecimentos sobre o espectro do autismo e que lhes sejam ofertadas oportunidades para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma eficiente. É preciso que os profissionais da educação sejam capacitados com conhecimento sobre os aspectos do autismo para tornar possível a sua escolarização.

Os casos de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) são diagnosticados em número cada vez maior e também cada vez mais cedo no Brasil. Pessoas antes nunca diagnosticadas em idade escolar ou já adultas, agora podem ter suas características autísticas detectadas antes dos 18 meses de idade.

A aprendizagem da criança com TEA nas series iniciais foi escolhida como temática para o desenvolvimento do presente trabalho, por ter passado há um ano por dificuldade com a aprendizagem de um aluno com TEA nas series iniciais. Daí a pesquisa voltou-se para a análise da realidade do aluno, doravante denominado L.O, com 10 anos de idade, diagnosticado com autismo aos 5 anos de idade e está matriculado desde 2019, na Escola Sonho de Ícaro, em Aracaju-SE, local onde se realizou este estudo. A escolha do tema se deve ao fato de atualmente a atuação profissional da autora da pesquisa estar ligada diretamente a prática pedagógica e com crianças da primeira infância.

Com isso, após várias reflexões, elencou-se as seguintes questões de pesquisa: qual a importância do processo de aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista nas séries iniciais? Qual o conceito de autismo? Quais

os caminhos para o diagnóstico? Quais os processos de ensino-aprendizagem da criança autista na primeira infância e os aspectos que permeiam a inclusão?

Para alcançar tal intento, o objetivo geral foi analisar como se dá o processo de aprendizagem da criança com TEA no ambiente escolar e os objetivos específicos verificar como é realizada a interação dos autistas com outras crianças no ambiente escolar; identificar as limitações de aprendizagem que os portadores de TEA apresentam; demonstrar a importância da formação do professor na aprendizagem da criança com TEA no ambiente escolar.

A metodologia utilizada foi o estudo de caso, com suporte na pesquisa exploratória e descritiva e no levantamento bibliográfico. Os procedimentos para a coleta de dados foram o questionário, a entrevista e a observação. A abordagem foi qualitativa porque permite compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas, e, conforme Gil (2017), tem o intuito de entender o objetivo e o tema abordado e possibilita a análise de exemplos que estimulem a compreensão.

A observação simples que segundo Gil (2008, p.101) “por observação simples entende-se aquela em que o pesquisador, permanece alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que ali ocorre”. Segundo Lakatos (2007, p.203), “o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Os dados foram recolhidos de sua professora de sala de aula através do questionário semiestruturado e uma entrevista com a mesma a fim de conhecer como se dá a aprendizagem da criança autista nas séries iniciais.

Desse modo, ao possuir clareza sobre a temática e objetivos, iniciou-se formalmente o processo para o desenvolvimento da pesquisa. Primeiramente, realizou-se o contato com a direção da escola, depois foi feita observação do aluno na sala de aula e aplicado o questionário e a entrevista com a docente explicando qual o objetivo do estudo. A entrevista com a mãe não deu certo por isso foi feito só com a docente.

As seções anteriores à análise dos dados coletados apresentam os conceitos e as questões relativas ao diagnóstico das pessoas com TEA, além dos subtemas trazerem aspectos inclusivos e relacionados ao processo de ensino e sobre a aprendizagem no TEA. Basiliado nos seguintes autores: Kenner (1943;1949), Ohlweiler, Totta e Riesgo (2016), Rogers, Dawson e Vismara (2015), entre outros, este

trabalho contempla o papel da família na aprendizagem e do profissional Suporte bibliográfico como a base para compreender a realidade observada.

Pouco a pouco as barreiras do diagnóstico vêm sendo derrubadas, apesar de ainda deixar muito a desejar. O TEA é um transtorno que causa problemas no desenvolvimento da comunicação, na linguagem, na interação e no comportamento social do autista. Segundo a revista *Veja Saúde* (2019), é primordial detectar o transtorno enquanto antes, para não prejudicar o desenvolvimento da criança, sendo que, o autismo pode ser identificado ainda na primeira infância, entre 1 ano e meio e 3 anos, embora os sinais apareçam nos primeiros meses de vida.

É indispensável que o espectro autista seja trabalhado e tratado para que exista uma adaptação e um melhor convívio social para o paciente, fazendo com que ele possa viver da melhor maneira possível apesar dos problemas causados pelo autismo.

Em 1943, Leo Kenner, psiquiatra infantil nos EUA, usou o termo “autismo”. São chamadas autistas as crianças que não conseguem estabelecer relações normais com outros e possuem atrasos na aquisição da linguagem e apresentam estereotípias gestuais, e se mantem imutável ao ambiente material em que estão inseridas. Estudos na perspectiva da urgência de conhecer e compreender os aspectos de aprendizagem da criança com autismo na primeira infância visam uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva por meio da conscientização dos profissionais da educação que trabalham com a primeira infância. Neste sentido, as reflexões relacionadas à criança com TEA e a sugestão de estimulações precoce no processo de ensino aprendizagem dessa faixa etária pode trazer a contribuição de um olhar atendo para criança desde o início do seu processo de aprendizagem.

2 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

É importante criar caminhos para que possam conhecer de fato os conceitos e características das pessoas com autismo e acolher quem vive nesta condição. Segundo a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), o termo Autismo tem origem grega (Autos) que significa por si mesmo.

Criada por Bleuler, em 1911, a palavra “autismo” faz referência a um sintoma da esquizofrenia, um dos traços da psicose. Bleuler propõe uma “ausência

da realidade”, como o mundo exterior e uma impossibilidade de comunicar-se com o mundo externo demonstrando atos de um proceder muito reservado.

Porém, os primeiros estudos sobre o autismo iniciaram-se apenas em 1943, pelo psiquiatra americano Leo Kenner quando descreveu por meio de um artigo, um estudo baseado em 11 crianças que apresentavam características individualizadas em relação às demais síndromes.

Kenner (1949) nomeou inicialmente como “distúrbio autístico do contato afetivo” analisado no comportamento um “afastamento social” desde o nascimento. Segundo o Manual Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014, p.50-51), algumas características do Transtorno do Espectro Autista são:

1-Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não- verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal. **2-** Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares. **3-** Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme manifestado por pelo menos dois dos seguintes, atualmente ou por história prévia. Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (p. ex., estereotipias motoras simples, alinhar brinquedos ou girar objetos, ecolalia, frases idiossincráticas). **4-** Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal (p. ex., sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos diariamente). **5-** Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco (p. ex., forte apego a ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos). **6-** Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (p. ex., indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento).

Sendo assim, o autismo é um transtorno complexo, pois apresenta uma variedade de características, dificultando encontrar seu verdadeiro conceito. Podendo perceber que vem sendo estudado por muitos pesquisadores e caracterizado por diversas teorias que tentam explicá-lo.

Com base em Carothers e Taylor (2004), o objetivo da educação de uma criança autista é o de aumentar sua independência, a fim de proporcionar mais segurança ao executar tarefas do cotidiano, além de melhorar a qualidade de vida da

criança e de seus familiares. Os dois ambientes fundamentais onde acontece o aprendizado são na escola e em casa.

É melhor ensinar as habilidades para o dia no ambiente natural, porém isso nem sempre é possível. Fazer tarefas simples do dia a dia, como comer sozinho, usar o banheiro, escovar os dentes, fazem muita diferença na qualidade de vida, pois é possível notar que os pais trabalham pela independência de seu filho, incentiva a criança a se vestir sozinha, se servi, comer, beber e assim por diante. Com esses estímulos a criança sente a necessidade de falar desenvolvendo sua oralidade.

Isto deve ser feito com calma, levando em consideração que o espectro autista possui demandas diferentes. Foi apenas em 2013 que o autismo passou a ser chamado de Transtorno do Espectro Autista quando a comprovação de alguns estudos científicos constatou a existência de vários tipos. De acordo com o Instituto Neuro Saber(2020) os tipos se subdivide em níveis. No nível 1, considerado leve, as pessoas com autismo, em relação à interação e comunicação social, apresentam prejuízos mas não necessitam de suporte. Têm dificuldade nas interações sociais, respostas atípicas e pouco interesse em se relacionar com o outro. Em relação ao comportamento, apresentam dificuldade para trocar de atividade, independência limitada para autocuidado, organização e planejamento.

Já no nível 2, considerado moderado, em relação à interação e comunicação social, necessitam de suporte substancial, apresentando déficits na conversação e dificuldades nas interações sociais, as quais, muitas vezes, precisam ser mediadas. Em relação ao comportamento podem apresentar dificuldade em mudar de ambientes, desviar o foco ou a atenção, necessitando suporte substancial.

Por fim o nível 3, que é tipo severo em relação à interação e comunicação social, necessitam de muito suporte, pois apresentam prejuízos graves nas interações sociais e pouca resposta a aberturas sociais. Em relação ao comportamento, apresentam dificuldade extrema com mudanças e necessitam de suporte muito substancial para realizar as tarefas do dia a dia, incluindo as de autocuidado e higiene pessoal. Além desses fatores, outros critérios específicos para o diagnóstico de autismo são: prejuízo intelectual e de linguagem, condição médica ou genética, outras desordens do neurodesenvolvimento.

2.1 O diagnóstico

O TEA é causado por uma combinação de fatores genéticos e ambientais. Evidências científicas apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais.

Os pais, professores, responsáveis na vida de uma criança, devem sempre buscar orientação multiprofissional caso haja algumas características. Entre elas ressaltam-se déficits na comunicação social que podem ser persistentes e difícil interação em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamento não verbais de comunicação e usados para interação social e de habilidades para desenvolver (SAI, 2019). O Autismo é um dos transtornos do neurodesenvolvimento que pode ser diagnosticado e apresenta as primeiras características desde bebê, de acordo com Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016, p. 371):

No diagnóstico do transtorno do espectro autista, as características clínicas individuais são registradas por meio do uso de especificadores (com ou sem comprometimento intelectual concomitante; com ou sem comprometimento da linguagem concomitante; associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental), bem como especificadores que descrevem os sintomas autistas (idade da primeira preocupação; com ou sem perda de habilidades estabelecidas; gravidade). Tais especificadores oportunizam aos clínicos a individualização do diagnóstico e a comunicação de uma descrição clínica mais rica dos indivíduos afetados. Por exemplo, muitos indivíduos anteriormente diagnosticados com transtorno de Asperger atualmente receberiam um diagnóstico de transtorno do espectro autista sem comprometimento linguístico ou intelectual.

A Associação de Amigos do Autista (AMA) descreve que ainda não há marcadores biológicos e exames específicos para autismo, mas alguns exames, como o cariótipo com pesquisa de X frágil, o eletroencefalograma (EEG), a ressonância magnética nuclear (RNM), os erros inatos do metabolismo, o teste do pezinho, as sorologias para sífilis, rubéola e toxoplasmose; a audiometria e testes neuropsicológicos podem ser necessários para investigar as causas e doenças associadas. Os dois manuais diagnósticos utilizados internacionalmente são o CID e o Manual de Transtornos Mentais – DSM-V usado como referência neste trabalho. Também existem algumas escalas padronizadas para o diagnóstico e rastreio de autismo, mas, elas somente devem ser utilizadas por profissionais especializados e capacitados.

2.2 Educação inclusiva

A criança com TEA por também fazer parte da Educação Especial, encontra uma série de dificuldades ao ingressar na escola, obstáculos que passam a integrar a sua rotina educacional como um todo. Uma maneira de viabilizar o ajuste a essa situação consiste em diminuir a contingência instituída da educação tradicional, criando novas formas de organizar o currículo e o planejamento pedagógico próximo às características de aprendizagem, ações de ensino que transpõem as funções sociais de um grupo para outro, sem detrimento de suas capacidades.

Compreender as dificuldades de se ajustar ao contexto escolar como uma situação afetiva tem o caráter essencial e determinante para se realizar a adequação dos instrumentos da ação pedagógica. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 (BRASIL, 1996, p. 30):

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora; V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

As diretrizes para a Educação Especial, na atual política educacional, enfatizam a inclusão dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais nas classes comuns, com o intuito de abolir a desigualdade de tratamento como meio de restituir uma igualdade que foi interrompida por práticas segregacionistas de ensino especial regular. Todavia, no que diz respeito à educação básica tanto no ensino público quanto no privado, a Educação Inclusiva tem representado um desafio.

É crescente a inserção de pessoas com necessidades educativas especiais nas escolas regulares de ensino e a sociedade tem se mostrado preocupada com o desenvolvimento dessas crianças incluídas nesse ensino, já que fazer o direito à educação para todos os cidadãos não se limita apenas à inserção do aluno com necessidades especiais nas classes comuns.

As práticas metodológicas segregadas que ainda se fazem presentes no contexto educacional têm dificultado e comprometido a diversidade, pluralidade e a dia cronicidade no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Isso tem acarretado na importância ao respeito pelas diferenças e, desta maneira, desconsiderando os limites dos educandos com necessidades educacionais especiais, como sujeitos que precisam de uma atenção diferenciada do professor.

A educação inclusiva do aluno com necessidades educacionais especiais precisa romper os paradigmas racionalistas que ainda predominam na prática docente, fundamentado em metodologias uniformizadoras, na objetividade, na eficácia e no produto, para uma nova abordagem que leva em consideração a relevância de um sistema receptivo, aberto, alicerçado nas dimensões do desenvolvimento do ser, do fazer e do conviver coletivamente.

De acordo com Kelman e Souza (2015), a coletividade apresenta diversos níveis educacionais e o desenvolvimento humano se dá a partir de diferentes contextos, sendo eles por meio de vivências, cultura, e interação com o meio que as pessoas participam. A partir disso, é preciso que o professor leve em conta o contexto social e cultural do aluno para então propor metodologias apropriadas que possam atender as necessidades dos alunos considerando diferentes aspectos que contribuem para o desenvolvimento humano, para isso é necessário compreender que “a escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprendem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para atender e viver a experiência da inclusão” (MANTOAN, 2003, p.91 apud MUNHOZ, 2006, p.19).

Tendo em vista os aspectos observados, é importante lembrar que infelizmente a exclusão ainda está presente, vivemos em grupos sociais nos quais a diversidade ainda é repudiada, pois a sociedade marginaliza, exclui indivíduos pela sua condição econômica, comete atos preconceituosos e não estabelecem oportunidades para todos como deveriam. Por isso, a inclusão é benéfica e para que ela realmente possa ser efetivada é preciso que toda comunidade esteja envolvida no

contexto escolar, a fim de que não seja ferido o direito humano e indisponível de todos os alunos ao ensino de qualidade.

Vale mencionar que, a inclusão avançou com o passar dos anos, mesmo que em passos miúdos. Todavia a inclusão perpassa diferentes conceitos, e sendo complexa essa definição, eis algumas palavras que podem definir melhor esse conceito: amor, empatia, equidade, igualdade, direito, respeito, humanidade, suporte, oportunidade, empoderamento, visibilidade, desafios, persistência, soma, ampliação, reconhecimento e parceria.

Entretanto, a inclusão para ser efetivada é necessária uma ação conjunta, a busca de formação continuada em uma perspectiva histórico cultural para atender esses alunos, todavia é um facilitador no percurso, é do estímulo diário que a atividade humana precisa para efetivar o objetivo. A natureza histórico cultural, em que participa o homem e a natureza, onde o papel da cultura é um elemento fundamental em que a sociedade e a história realizam na formação da mente humana. Segundo Kelman e Souza (2015, p. 21):

O Cultural supõe o biológico ao mesmo tempo em que o transforma. Essa tensão entre ambos vai permitir só sujeito que aprende o desenvolvimento de processos que lhe permitem interpretar o mundo a partir de interações com seu contexto físico, simbólico e histórico-cultural.

Conceitos esses que nos fazem compreender a formação continuada como uma ação colaborativa na cooperação dos sujeitos. Com isso, é imprescindível que nos ambientes escolares tenham apoio, materiais didáticos e acessibilidade, uma vez que o desenvolvimento humano se concretiza a partir das interações culturais e interacionistas que precisam de mecanismos para permitir que a criança conquiste sua autonomia, e a partir disso construir relações humanas melhores e qualificadoras dentro do processo de ensino aprendizagem e em toda sua vida humana.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção apresenta os dados que foram coletados no questionário, entrevista e observação realizados durante a pesquisa. Os instrumentos aplicados com a professora, buscaram identificar a formação pedagógica e os saberes que possui sobre o TEA, a fim de analisar em que medida a formação docente interfere na aprendizagem do aluno com TEA nas séries iniciais.

A pesquisa foi feita na Escola Sonho de Ícaro, está localizada na Rua Jairo Andrade Macedo, Rua Srg. Manoel Osvaldo das Neves , 133 – São Conrado, Aracaju/SE, a fim de observar o aluno com TEA nas séries iniciais.

O aluno L.O. 10 (dez) anos de idade, é do sexo masculino e desde que foi matriculado em 2019, tem sido acompanhado por uma psicopedagoga na escola. O desenvolvimento dele é lento, comportamento inquieto, a interação e comunicação com colegas, professora e funcionários da escola bem tranquilas, vai ao banheiro sozinho, na hora do lanche também, as atividades de sala são adaptadas e ele não faz uso do mesmo livro adotado pela escola.

3.1 Perguntas e dados do questionário realizado

A primeira parte do questionário continha dados de identificação do sujeito, no caso, o professor. Os dados da docente entrevista mostrou sua formação graduada.

A segunda parte do questionário se voltou para identificar os conhecimentos que o professor detém sobre o TEA e sobre a inclusão e analisar em que medida eles interferem na prática docente.

Com relação à primeira pergunta “Sua formação pedagógica lhe capacitou para a inclusão da criança com TEA no ambiente escolar?” A docente respondeu: *um pouco*. Cunha (2014, p. 101) declara que “não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão”. Assim, é importante que os professores estejam aptos a atuar com alunos autistas a fim de que estes se desenvolvam em todos os seus aspectos: físico, afetivo, social e cognitivo.

A segunda pergunta “Quanto à escola: Estimula o professor a buscar formação continuada sobre a inclusão?” A docente respondeu: *um pouco*. Kelman e Souza (2015) afirmam que a formação continuada facilita ao professor desenvolver as atividades de inclusão. Até porque torna-se uma ação colaborativa na cooperação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, a escola tem papel importante quando apoia o docente nesse sentido. A pesquisa demonstrou que a professora não dispõe desse suporte que a estimule para a inclusão suficientemente.

A terceira pergunta “Você tem conhecimento sobre o TEA?” A docente novamente respondeu: *um pouco*. Segundo a revista Veja Saúde (2019), é primordial detectar o transtorno enquanto antes, para não prejudicar o desenvolvimento da criança, sendo que, o autismo pode ser identificado ainda na primeira infância, entre 1 ano e meio e 3 anos, embora os sinais apareçam nos primeiros meses de vida. A docente demonstrou pouco conhecimento e pôde ser observado que ela não interagiu com a criança, embora com os outros sua atitude fosse natural.

A quarta pergunta “Como é ter um aluno com TEA na turma?” A docente respondeu: “*Complexo. Segundo Kelman e Souza (2015, p. 21) Conceitos esses que nos fazem compreender a formação continuada como uma ação colaborativa na cooperação dos sujeitos. Com isso, é imprescindível que nos ambientes escolares tenham apoio, materiais didáticos e acessibilidade, uma vez que o desenvolvimento humano se concretiza a partir das interações culturais e interacionistas que precisam de mecanismos para permitir que a criança conquiste sua autonomia, e a partir disso construir relações humanas melhores e qualificadoras dentro do processo de ensino aprendizagem e em toda sua vida humana.*” A resposta da docente permitiu observar que não tem apoio para com o aluno com TEA no entanto está em sala de aula com aluno que necessita de educação inclusiva.

A quinta pergunta “Como é sua comunicação com o aluno com TEA?” A docente respondeu: *Simples pois temos uma boa comunicação e acabamos criando um certo vínculo*. Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 219) definem o Picture Exchange Communication System (PECS) como “[...] um método que utiliza figuras para facilitar a comunicação e a compreensão, ao estabelecer uma associação entre a atividade e o símbolo”. Os autores ilustram um caso em que o método pode ser utilizado e explicitam o quanto pode contribuir para que a criança com TEA interaja com as pessoas ao seu entorno.

Ainda para os autores,

Quando uma criança com autismo precisa ir ao banheiro ou comer algo, ela entrega para uma pessoa uma figura que representa seu desejo. Esse método pode auxiliar nos comportamentos de birra que, algumas vezes, decorrem das dificuldades de se comunicarem adequadamente. O procedimento com o PECS não tem por objetivo substituir a fala, mas sim estimular. Quando a criança entrega a figura para uma pessoa (terapeuta, professor, pais), esta deve dizer o que é e incentivar a criança a repetir o nome. Futuramente, este método pode fazer com que a criança consiga falar o que deseja sem o auxílio da imagem. Além disso, ela, aos poucos, vai ampliando o seu repertório verbal (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 219).

A professora respondeu que tem boa comunicação porque construir vínculo com a criança, porém ela tem como papel fundamental desenvolver educação inclusiva de qualidade com o aluno, não apenas a criação de vínculo dará a garantia de educação inclusiva a que a criança tem direito.

A sexta pergunta “Que aspectos são observados na interação dele com outras crianças na sala de aula e na escola?” A docente respondeu: *não observo nenhum aspecto quanto à interação das crianças na sala de aula nem no ambiente escolar*. De acordo com Kelman e Souza (2015), a coletividade apresenta diversos níveis educacionais e o desenvolvimento humano se dá a partir de diferentes contextos, sendo eles por meio de vivências, cultura, e interação com o meio que as pessoas participam. A resposta permitiu concluir que ela não observa o comportamento das crianças durante sua prática docente, o que significa detalhes importantes não percebidos e que poderiam colaborar com a inclusão de alunos com TEA.

A sétima pergunta “Que limitações de aprendizagem os portadores de TEA apresentam na sala de aula?” Embora o questionário contivesse concentração, organização, dificuldade aprender, dificuldade de utilizar corretamente as palavras e habilidades motoras e de linguagem, a docente respondeu apenas: *habilidades de linguagem*. Nesse sentido, e diante da resposta anterior, mais uma vez, observou-se o despreparo docente quanto ao comportamento do aluno que necessita de educação inclusiva.

A oitava pergunta “O que você acha necessário para que esse aluno seja incluído e possa participar de todas as atividades com as outras crianças?” A docente respondeu: *Apoio da escola e apoio da família*. Mas não explanou se esse apoio existe.

A nona pergunta “Como é a interação do autista com as outras crianças no ambiente escolar?” A docente respondeu: *Simples. Através do convívio, brincadeiras, interação junto à turma*

A décima pergunta “Quais desses recursos pedagógicos você utiliza para ensinar o aluno com TEA?” A professora afirmou: *quadro de rotina, recursos visuais para tarefas, recursos sensoriais, recursos pedagógicos, ensino mês e dia e o perfil da criança, ensino a escrever o nome, ensino tamanhos*. Contudo não realiza atividades que rotulam coisas, “timer” para ensinar a passagem do tempo, não utiliza

o quadro de recompensas nem o *Pinterest*, Recursos que estavam entre as opções no questionário. Cunha (2014) discorre também sobre a Análise do comportamento Aplicada (Terapia ABA) e salienta que visa desenvolver habilidades ainda não adquiridas pelos autistas. Estes são instruídos a realizar determinada atividade, podendo receber apoio em momentos que não souberem as respostas. Ainda conforme o autor citado acima, o auxílio deve ser retirado assim que possível, a fim de desenvolver a autonomia da pessoa com TEA, conhecimento que traria mais segurança para a prática docente de inclusão.

3.3 Da observação realizada

Na Escola Sonho de Ícaro, na qual realizaram-se os 10 dias de observação, acontecia sempre a mesma rotina. A criança L.O observada, sempre sentado na carteira do fundo, com material didático diferente dos colegas. A docente, enquanto ministrava a aula, a interação com o aluno com TEA não existia, as atividades só chegavam depois e eram adaptadas, depois que a docente acabava de fazer nas atividades com os outros alunos a mesma sentava com L.O já a interação dele com os coleguinhas era bem tranquila na hora do lanche e L.O se mostrava bastante independente.

3.4 Da entrevista realizada

Na entrevista buscou-se identificar mais algumas informações sobre o conhecimento da docente em relação ao TEA.

Na primeira pergunta: Como educadora, o que você pretende fazer para atender as necessidades de alunos com deficiência? A docente respondeu: *Criando um ambiente inclusivo, possibilitando à criança a conhecer as diferenças*. Sendo assim, é indispensável que o espectro autista seja trabalhado e tratado para que o autista desenvolva adaptação e convívio social mais salutar, fazendo com que ele possa viver da melhor maneira possível apesar dos problemas causados pelo autismo.

Na segunda pergunta: Como despertar o interesse do aluno com TEA pelas atividades pedagógicas? A resposta foi: *Criando uma rotina; não fazendo diferenciação promovendo atividade coletivas; realizando atividades adaptadas com*

a *necessidade do aluno*. Com base em Carothers e Taylor (2004), o objetivo da educação de uma criança autista é o de aumentar sua independência, a fim de proporcionar mais segurança ao executar tarefas do cotidiano, além de melhorar a qualidade de vida da criança e de seus familiares.

Na terceira pergunta: Quais os desafios que o professor enfrenta para fazer a inclusão do aluno com TEA? A professora respondeu: *Proporcionar uma educação para todos, sem distinções*. Sendo assim, uma maneira de viabilizar o ajuste a essa situação consiste em diminuir a contingência instituída da educação tradicional, criando novas formas de organizar o currículo e o planejamento pedagógico próximo às características de aprendizagem que se apresentam em sala de aula, ações de ensino que transponham as funções sociais de um grupo para outro, sem detrimento de suas capacidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de averiguar qual a importância do processo de aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista nas séries iniciais, obteve a informação de que a professora não observa nenhum aspecto quanto à interação das crianças na sala de aula nem no ambiente escolar, demonstrando o despreparo docente para a educação inclusiva.

Quanto aos processos de ensino aprendizagem da criança autista na primeira infância e os aspectos que permeiam a inclusão, a pesquisa permitiu constatar que a docente demonstrou pouco conhecimento e pôde ser observado que ela não interagiu com a criança como o fazia com os outros alunos. Na análise de como se dá o processo de aprendizagem da criança com TEA no ambiente escolar, verificou-se que a docente demonstrou pouco conhecimento sobre o TEA, não sabe identificar as limitações de aprendizagem que os portadores de TEA apresentam, embora esteja em sala de aula com aluno que necessita de educação inclusiva.

Quanto à importância da formação do professor na aprendizagem da criança com TEA no ambiente escolar, pode-se afirmar que não há formação pedagógica condizente com a necessidade do ensino e aprendizagem inclusivos e que o apoio do ambiente escolar é insuficiente.

O estudo possibilitou perceber quanto ainda é necessário implementar na formação pedagógica os aspectos relacionados à educação inclusiva, também que os

professores são solicitados a ensinar a criança com TEA, sem ter conhecimento das características específicas desse transtorno para realizar educação de qualidade a que o autista tem direito.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV-TR**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ABRA - Associação Brasileira de Autismo. Aracaju. Disponível em: <http://www.autismo.org.br/site/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

BRASIL. LDB – Lei de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394/1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 29 nov. 2020.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2014.

GENOTYPING – **Autismo**: Transtorno afeta cerca de 1% da população mundial. Disponível em: <http://www.genotyping.com.br>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CAROTHERS, Douglas E; TAYLOR, Ronald L. **Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para criança com Autismo**. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/como-pais-educadores-podem-trabalhar-juntos-para-ensinar-habilidades-basicas/> Acesso em:13 nov.2020.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KENNER, Leo, Autistic disturbance of affective contact, **New Child**, v. 2, 1943, p.217.

KENNER , Leo , Problems of nosology, and psychodynamics of early infantile autism. **American Journal of Orthopsychiatry**, 1949.

KELMA,Celeste. Desenvolvimento Humano Educação e Inclusão Escolar. **Sociedade, educação e cultura**. Brasília: Unb, 2015.

LAKATOS, Eva Maria, **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo Atlas, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR** O que é? Por quê? Como fazer? Local: Belenzinho São Paulo editora: Moderna , 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>

NEURO, Saber. DSM-5 e o diagnóstico no TEA. **Instituto Neuro Saber**. Londrina, 01 de out de 2020. Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/dsm-5-e-o-diagnostico-no-tea/>>. Acesso em: 13. Nov. de 2020.

OHLWEILER, Lygia; ROTTA, Newra T.; RIESGO, Rudimar dos S. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

ROGERS, Sally J; DAWSON, Geraldine; VISMARA, Laurie A. **Autismo**: compreender e agir em família. 1. ed. Lisboa: Lidel, 2015.

SAI. Secretaria de Acessibilidade e Inclusão. **Autismo em pauta**. SAI – PROAES – Sensibiliza UFF, 2019. Disponível em: <http://sensibiliza.uff.br/2019/04/02/autismo-em-pauta/>

SILVA, A. B. B; GAIATO, M. B; REVELES, L. T. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, CATIANNE DE JESUS OLIVEIRA, acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) Áurea Machado de Aragão, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NAS SÉRIES INICIAIS, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

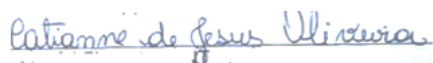
O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 22 / 11 / 2021.



Assinatura da aluna concluinte